



Frame do curta *Licuri Surf*, de 2012, feito no estilo guerrilha pela diretora Julia Zakia e que ganhou menção especial no Festival de Berlim

## UMA NOVA FRONTEIRA PARA A GUERRILHA

Entenda o que significa “cinema de guerrilha” nos dias de hoje na opinião de três premiados diretores que começaram a carreira vivenciando a fundo essa experiência

POR GUILHERME MOTA

**P**ouco ou nenhum tempo de pré-produção, orçamento limitado, recursos escassos, equipamentos mínimos, atores improvisados, favores e até gravações “proibidas”. Com certeza uma dessas limitações (ou todas) faz parte do cotidiano de muitos *filmmakers*, especialmente os que estão em início de carreira. Para muitos, a definição de “cinema de guerrilha” é isso, ca-

so de Julia Zakia, Rafael Nobre e Alexandre Ache, três premiados diretores que começaram pequenos, mas que hoje comandam produções de alto nível e têm uma sólida trajetória profissional.

No fim de janeiro de 2017, a Canon promoveu um evento sobre o tema, reunindo os três em um mesmo espaço, além de apresentar alguns lançamentos recentes da marca para quem deseja se aprofun-

dar nesse tipo de produção. Assim, os diretores compartilharam experiências pessoais sobre o assunto, dando dicas para os iniciantes e explicando como a “guerrilha” influenciou cada um.

**FilmMaker** esteve lá, conversou com eles, e traz um resumo das opiniões, experiências e visões sobre o que é fazer “cinema de guerrilha”. Um modo de produzir que envolve inúmeros esforços individuais e co-



Acima, Julia com Licuri, garoto da etnia pataxó que foi personagem do seu curta; abaixo, ela durante a palestra que deu sobre “cinema de guerrilha” em evento da Canon



letivos num mundo com diferentes plataformas de exibição (em que o cinema caminha lado a lado com a TV, a internet e os dispositivos móveis) e com equipamentos de qualidade bem mais acessíveis (mesmo com um celular é possível filmar).

### JULIA: EXPERIMENTE

Para a diretora de fotografia Julia Zakia, o momento é bastante propício para “produzir muito com pouco”, uma das premissas do cinema de guerrilha. Ela começou a atuar em fotografia de cinema ainda na “era da película” e diz que “hoje não é preciso se preocupar com a parafernalia do cinema. É importante

experimentar”. Segundo Julia, a história vem sempre em primeiro lugar. “Os fetichistas da imagem que me perdoem”, brinca.

Diretora de fotografia do curta *Licuri Surf* (2012), Julia fala de algumas características exigidas de quem pretende filmar no estilo guerrilha. A primeira é a capacidade de relacionamento interpessoal e de trabalhar coletivamente, em especial em documentários longos. “Nas gravações de *Licuri Surf*, passamos um mês e meio viajando com orçamento e equipe pequenos. E a convivência foi algo essencial”, ensina.

O curta conta a história de Licuri, um garoto pataxó que vive numa

## QUEM É JULIA ZAKIA

Julia Zakia é formada em Audiovisual pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) com ênfase em direção e fotografia. Desde 2004 trabalha nas duas funções, alternadamente, tendo dirigido e fotografado curtas e longas-metragens selecionados em importantes festivais nacionais e internacionais.

Como fotógrafa, assina a direção de diversas séries para a televisão, tendo trabalhado com diretores como Tata Amaral, Juliana Vicente, René Guerra, Sabrina Fidalgo, Kiko Goifman, Hilton Lacerda, Marcelo Caetano, entre outros. Estreou na direção de longa-metragem com o filme *Rio Cigano*, coproduzido pela Superfilmes e finalizado em 2013.



praia sem ondas, mas que deseja conhecer o litoral. Foi captado com apenas três pessoas, além da personagem principal: uma dedicada ao áudio; Julia, com a função de capturar imagens e cuidar da fotografia; e o diretor do filme, Guilherme Martins. O filme ganhou diversos prêmios, entre eles a menção especial no Festival de Berlim.

Julia destaca ainda a necessidade de usar equipamentos que consigam aliar ergonomia, qualidade de imagem e robustez para su-



Divulgação

Acima, cena do curta *Boca Fechada*, feito no estilo guerrilha por Alexandre Arche; abaixo, *making of* da filmagem feita com uma câmera DSLR com lente grande angular

## QUEM É ALEXANDRE ACHE

Formado em Arquitetura e Urbanismo no Mackenzie, montou a primeira produtora em 2001 para atender ao mercado de videoclipes. Hoje, é especialista em produção de conteúdo audiovisual, diretor de fotografia, editor e colorista. Já montou produtora de filmes em Miami e trabalhou em diversas agências e empresas de produção de conteúdo, com destaque para as funções de diretor de arte e criação na TV Band e gerente dos canais da Discovery Channel LATAM no YouTube. Além disso, sempre produziu curtas e cinema experimental de forma independente. Atualmente, atua com produção de conteúdo para o mercado financeiro e dá aulas de Direção de Fotografia na pós-graduação da UNIP.



Fotos: Arquivo pessoal



portar as demandas constantes, in-temperies e outras situações pouco amigáveis: “Algumas câmeras dondocas, que não aguentam porrada e que não têm autonomia de bateria, não combinam com cinema de guerrilha”, avalia. O curta foi inteiramente gravado com apenas duas câmeras (uma Canon EOS 5D Mark II e uma EOS 7D), uma caixa-estaque e duas objetivas, 24-70 mm f/2.8 e 70-200 mm f/2.8.

Outra característica que o cineasta de guerrilha precisa trabalhar é a organização, especialmente em relação ao que está filmando, para ter possibilidades sempre à mão na pós-produção. “Conheça cada detalhe do material, pois mesmo as

pequenas coisas podem salvar uma montagem”, explica. Para a etapa de finalização, Julia recomenda sempre que possível ter um bom profissional à disposição do projeto. “Se você contar com uma finalização boa, terá muito mais recursos para ter um bom filme em mãos”, avalia.

### ALEXANDRE: SUPERE-SE

Pouca verba, pouco dinheiro e muitos favores. Para o diretor de fotografia, produtor e *filmmaker* Alexandre Ache, o cenário atual de produção audiovisual é bastante favorável para quem quer aprender, tem vontade de crescer e não tem medo de experimentar, mesmo se o orçamento for curto ou inexistente. “Es-



Frame de *Mataram meu Irmão*, de 2013, que teve direção de fotografia de Rafael Nobre

se é o verdadeiro cinema de guerrilha. É um o espaço no qual tudo é possível”, defende.

Vindo do “universo da pós-produção”, ele passou a se dedicar a curtas independentes e realizou diversas produções próprias, como *Boca Fechada*, *Nigéria Fim de Linha*, *O Último Dia* e *Desconhecido Íntimo* – este último, ganhador de diversos prêmios nacionais e internacionais. Para Alexandre, nesse meio tudo se trata de como lidar com as dificuldades, pois superá-las é justamente parte do processo de produção, a começar pela motivação da equipe, patrocinadores e todos os envolvidos direta e indiretamente. “É preciso que as pessoas entrem na guerrilha com você. Eles têm de comprar a ideia”, explica.

Como a compra ou o aluguel de equipamentos pode ser um investimento difícil, Alexandre Ache acredita que a melhor saída para o “guerrilheiro” é a criatividade. Deve explorar ao máximo os recursos que tem em mãos e que pode levantar. “Aprenda a usar suas ferramentas. Se você tem um equipamento, estude-o a fundo, entenda intimamente do que se trata para tirar o melhor possível dele”, recomenda.

Entre as proezas que apenas as experiências de guerrilha puderam lhe proporcionar, Alexandre cita o desafio de encontrar boas locações a custo mínimo (ou mesmo de graça), como uma gravação dentro das celas do DEIC (Departamento Estadu-

al de Investigações Criminais da Polícia Civil de São Paulo). Foi para filmar cenas de *Polícia S.A.*, piloto para uma série de TV, gravado em 2015. “Descobrimos que as celas estariam vazias para serem lavadas e nosso produtor conseguiu autorização para gravar lá dentro por dois dias”, conta.

Outro ponto positivo para quem filma no modo guerrilha são os avanços em equipamentos e tecnologias. “As DSLRs são baratas e têm estética para dar conta do recado”, argumenta. Além disso, a internet trouxe não só espaços adicionais de publicação e divulgação, mas um local para buscar conhecimento, aprendizado e ferramentas que permitem ao cineasta saber praticamente tudo o que é necessário para operar câmeras e acessórios.

Esse “conhecimento íntimo” dos recursos é o que permite saber exatamente os pontos fortes e as vulnerabilidades de cada produção, como as situações de luz mais favoráveis para cada câmera, os pontos de maior qualidade nas objetivas, entre outros fatores. “Saber trabalhar com tudo o que o equipamento pode entregar também devolve o retorno máximo para o investimento que você faz”, ensina.

### RAFAEL: CONTE A HISTÓRIA

O cinema de guerrilha é essencialmente sem orçamento. Por isso, é sempre necessário colocar a história em primeiro lugar. “A história vem antes do equipamento. É partir em

## QUEM É RAFAEL NOBRE

Diretor de fotografia e professor, é formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), com ênfase em Antropologia Visual e da Performance. É também membro da Associação Brasileira de Cinematografia (ABC).

No mercado desde 2004, fotografou diversos longas, curtas e documentários, entre eles *Mataram meu Irmão*, dirigido por Cristiano Burlan e vencedor do festival É Tudo Verdade 2013, com prêmios da crítica e do júri, além dos longas *Amador* (2014), selecionado para a 17ª Mostra de Tiradentes, e *Hamlet* (2014), selecionado para o festival do Rio de 2014. Foi colorista do longa *Sinfonia para um Homem Só*, finalista da Mostra São Paulo de Cinema de 2013.



Continue fotografando...



Nós cuidamos do  
Seguro do seu  
Equipamento.



**KERTZMANN**  
seguros

Seguro de Equipamentos  
Para Fotógrafos  
Profissionais e Amadores

Cobertura ampla,  
nacional e internacional

Fácil de contratar,  
atendimento pessoal  
e on-line

[www.kertzmann.com.br](http://www.kertzmann.com.br)

Equipamentos Fotográficos  
que podem ser segurados:

câmeras lentes flashes



Equipamentos de estúdio acessórios diversos computadores e notebooks



11 3259-2244

[kertzmann@kertzmann.com.br](mailto:kertzmann@kertzmann.com.br)

Av. São Luiz, 140 - Loja 3 - Centro  
São paulo - SP - CEP: 01046-908

## FILMMAKER / Consultoria Profissional



Divulgação Canon

Rafael Nobre durante o evento da Canon: produção pobre, mas com narrativa rica

busca de mais possibilidades narrativas”, defende Rafael Nobre. Segundo ele, sua origem ajuda a explicar essa visão, pois iniciou a carreira em produções feitas com filmadoras do tipo mini-DV. E desde sempre precisou aprender a contar muito mais com muito menos. “Pensar no produto final é essencial, e para isso a técnica tem que estar a serviço da estética, e não o contrário”, afirma.

É preciso usar no limite conhecimento, dinheiro e possibilidades em busca do melhor resultado. Assim como o movimento do Cinema Novo, “também um cinema de guerrilha”, na opinião de Nobre, trata-se de “fazer o cinema do possível ficar bom”. “A guerrilha trabalha sem grana, mas não é pobre narrativamente”, ensina.

Ao trabalhar um roteiro ou receber um para executar, o diretor precisa pensar em todas as ferramentas, elementos e “por quês” da história. O primeiro passo é fazer um planejamento detalhado, desde a pré-produção, estabelecendo a estrutura de trabalho e o *workflow* do projeto. Outro ponto essencial na “guerrilha” é a valorização da equipe, pois são todos essenciais ao projeto. “Só

dá para fazer um filme decente com pessoas boas próximas”, ensina.

Em relação à estética, o “tridente” que deve ser considerado na hora de filmar é a composição, ou seja, tudo o que está dentro do quadro em si; a luz, um aspecto fundamental (e a equipe é essencial para isso); e o movimento, indo desde as escolhas de foco e transições aos movimentos da câmera em si. Organização também é essencial para manter processos estabelecidos. E, para as coisas que “fogem ao controle”, a saída é ter repertório. “Somente assim você vai conseguir lidar com o que vier”, explica.

É comum também o cineasta de guerrilha correr atrás de patrocínios, cuidar de orçamentos e acumular diversas funções. “Cinema de guerrilha é vender projetos, bater de porta em porta até conseguir as ferramentas necessárias para o filme”, conta. Segundo ele, o movimento é também uma forma de resistência, que envolve política e o ato de o cineasta defender ativamente seu ponto de vista. “É algo em que você acredita, mas não é simples nem pobre, pois dinheiro não é sinônimo de complexidade”, comenta. ●